

Tradições da Copa do Mundo estão mais caras para a edição de 2026

Reunir amigos para churrascos e completar o álbum de figurinhas vão pesar no bolso

O preço total para completar o novo álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 2026 varia de R\$ 1.004,90 a R\$ 7.362,90, dependendo da estratégia que o colecionador adotar. O livro ilustrado já está em pré-venda com dois valores: R\$ 74,90 (capa dura) e R\$ 24,90 (brochura). O envelope com sete figurinhas custa R\$ 7. Na pré-venda, a Panini não oferece a opção de comprar cards avulsos. Há apenas a opção de adquirir 12 pacotes por R\$ 87.

Professor da FGV EMap (Escola de Matemática Aplicada da Fundação Getúlio Vargas), Moacyr Silva explicou três possibilidades para completar o álbum. A primeira é considerando o comprador que adquire todas as figurinhas sem nenhuma repetição. A segunda é com o colecionador comprando pacotinhos e tirando figurinhas repetidas, mas não fazendo trocas com ninguém. A terceira é realizando trocas de figurinhas repetidas.

No primeiro cenário, como cada figurinha custa R\$ 1 e são necessárias 980, então o gasto com cards é de R\$ 980. Se conseguir todas as figurinhas sem repetição, o gasto total seria de R\$ 1.004,90 (R\$ 980 de figurinhas mais R\$ 24,90 do álbum). Esse é o valor mínimo para completar a coleção, em um cenário bastante improvável.

Na Copa do Mundo 2022, era preciso investir pelo menos R\$ 548 (R\$ 664,47 em valor corrigido pela inflação). O álbum de brochura custava R\$ 12, e cada figurinha saía por R\$ 0,80 (R\$ 14,57 e R\$ 0,97 corrigidos). Eram necessárias 670 figurinhas.

De 2022 para 2026 a Copa sofreu uma alteração. Em 2022, havia 32 seleções participantes na Copa do Mundo; em 2026, a edição terá 48 equipes - 16 a mais.

Esse aumento colaborou para que o álbum tenha 310 figurinhas a mais. De 2022 para 2026, completar o álbum ficou 51% mais caro, já considerada a inflação, considerando apenas o cenário mais vantajoso. O matemático avalia que completar o álbum sem cromos repetidos é praticamente impossível, por isso é necessário fazer outros cálculos.



Divulgação

Completar o álbum de figurinhas vai custar pelo menos 62% do salário mínimo neste ano

Na segunda situação, é considerado o consumidor que adquire as figurinhas com cromos repetidos, mas que não realiza trocas. Silva explica que, neste caso, é necessário levar em conta uma fórmula de probabilidade que é uma das bases de um conceito matemático chamado de problema do colecionador de cupons.

Silva explica que a fórmula leva em consideração que, quando um comprador adquire um pacote de figurinhas, existem N possibilidades de ele receber uma figurinha repetida. Quanto mais figurinhas são adquiridas, maiores as chances de repetição.

Assim, o matemático diz que é necessário adquirir 7.338 figurinhas, considerando as repetidas, para que o álbum seja completado. Como cada cromo custa R\$ 1, o valor total a ser desembolsado nesse caso é de R\$ 7.362,90 (R\$ 7.338 em cromos somado aos R\$ 24,90 do álbum).

O preço, no entanto, é menor quando a prática da troca de figurinhas entra em cena.

O especialista explica que, para calcular esse cenário, além da variável N, que considera a quantidade de figurinhas repetidas, há outra

variável, chamada M, que representa a quantidade de pessoas envolvidas nas trocas.

Com esses dois fatores, quando apenas duas pessoas estão trocando figurinhas, o valor economizado é de R\$ 2.724. Neste caso, o valor total desembolsado para completar o álbum é de R\$ 4.638,90 (R\$ 4.614 mais os R\$ 24,90 do álbum).

A economia é ainda maior quando mais pessoas entram na equação da troca de figurinhas. Por exemplo, quando são levadas em consideração três pessoas trocando figurinhas, o valor total é de R\$ 3.730,90 (R\$ 3.706 mais R\$ 24,90 do livro). A economia, neste caso, chega a R\$ 3.632.

Com dez pessoas realizando a troca, o valor para completar é de R\$ 2.459,90 (R\$ 2.435 mais R\$ 24,90). A economia nesse caso é de R\$ 4.903.

62% do salário mínimo

Um levantamento do economista Bruno Imaizumi, da consultoria 4intelligence, também dá uma dimensão do impacto no bolso do colecionador.

A análise destaca que, em 2026, o valor a

ser gasto para comprar o álbum sem repetições (R\$ 1.004,90), em um cenário perfeito, equivale a 62% (mais da metade) de um salário mínimo (R\$ 1.621).

É um percentual de comprometimento de renda maior do que o registrado em Copas anteriores, quando o número de seleções era menor, o que resultava em menos figurinhas.

Em 2022, a quantia mínima que precisava ser investida na coleção (R\$ 548) correspondia a 45,2% de um salário mínimo (R\$ 1.212), considerando os valores da época, sem o ajuste pela inflação. Pelos cálculos de Imaizumi, essa porcentagem era de 36,4% em 1998 e chegou a baixar a 18,5% em 2014.

Churrasco em dia de jogo

Imaizumi ainda levantou informações sobre a inflação de outros itens que podem ter procura aquecida em períodos de Copa, como carnes e bebidas - insumos para os tradicionais churrascos em dias de jogos. A base desses dados é o IPCA, o índice oficial de preços do Brasil, divulgado pelo IBGE.

Segundo o levantamento, as carnes acumularam inflação de 14,4% desde a última Copa, encerrada em dezembro de 2022. É uma alta inferior aos aumentos da cerveja (17,4%), do suco de frutas (19,3%) e do refrigerante e da água mineral (23,4%) para consumo em casa.

As bebidas também subiram em locais como bares e restaurantes. Enquanto a cerveja fora de casa avançou 18,5%, o refri e a água acumularam aumento de 17,4%. São variações próximas ao IPCA como um todo, que teve alta de 16,5% desde o último evento.

O televisor, por outro lado, acumulou deflação (queda) de 11,9% no mesmo período. A redução, conforme Imaizumi, pode estar associada ao que ele chama de "substituição de tecnologias". Ou seja, a entrada no mercado de novos modelos teria forçado uma baixa nos preços de aparelhos mais antigos de TV, indica o economista.

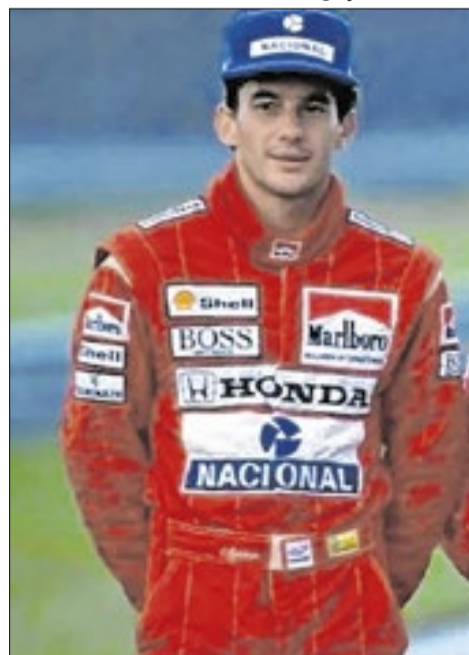
Por Christian Policeno, Leonardo Viceli e Eduardo Sombini (Folhapress)

Boné de banco falido vira item de moda dentre fãs de F1

Divulgação/ McLaren

No universo do marketing esportivo, existem logotipos que desaparecem com o fim dos contratos e outros que se tornam parte da pele do atleta. O caso do Banco Nacional e Ayrton Senna desafia a lógica econômica: como uma marca vinculada a uma das maiores fraudes bancárias da história do Brasil conseguiu se manter como um dos símbolos mais afetivos do automobilismo, trinta anos após a morte de seu principal embaixador?

A história dessa simbiose começou em 1984. Enquanto o mercado financeiro via a Fórmula 1 como um reduto de luxo europeu, o Banco Nacional, sob a visão de Marcos Magalhães Pinto, apostou em um jovem paulistano que estreava pela modesta Toleman. Foi um "casamento" que durou até o último segundo de vida de Senna. A fidelidade do piloto era folclórica: mesmo assediado por potências bancárias globais conforme acumulava títulos, Ayrton mantinha o logo azul



Legado de Ayrton Senna eternizou o acessório do Banco Nacional

e branco em seu boné. Para ele, o Nacional não era apenas um patrocinador, mas quem "estendeu a mão quando ninguém sabia quem era o Beco".

O boné azul tornou-se a moldura oficial do rosto de Senna. Nas manhãs de domingo, o Brasil não via apenas um piloto; via uma marca que se fundia ao hino da vitória. O Nacional, que já era gigante por patrocinar o Jornal Nacional e grandes clubes de futebol, atingiu um patamar de onipresença.

Contudo, o castelo de cartas desmoronou em 1995. Pouco mais de um ano após o trágico 1º de maio em Ímola, o Banco Central decretou intervenção no Nacional. O que se seguiu foi o desvelar de um rombo bilionário, estimado em bilhões de dólares à época, ocultado por uma contabilidade criativa que sustentava centenas de contas fictícias. O banco faliu, foi absorvido pelo Unibanco e seus ativos sumiram das avenidas.

Porém, o que deveria ser o fim da marca foi o início de sua mitificação. Por uma cláusula contratual e o desejo da família Senna, o licenciamento do "boné do Nacional" permaneceu ativo. O objeto deixou de ser um produto bancário para se tornar um item de resistência emocional. Hoje, o lucro das vendas é revertido para o Instituto Ayrton Senna, transformando o que outrora foi um símbolo de um sistema financeiro colapsado em combustível para a educação de milhares de crianças.

Para o fã que usa o boné azul hoje, o logo não remete a agências, talões de cheque ou crises fiscais. Remete ao braço erguido com a bandeira brasileira e à gratidão de um ídolo que nunca trocou de lado. O Banco Nacional faliu, mas a marca Nacional de Senna permanece viva.

Por Felipe Branco Cruz (Folhapress)